

ENERGIA

Nasdaq financia hidrogénio português

A portuguesa **Fusion Fuel** está num processo de fusão com a norte-americana **HL Acquisitions**

Texto **MIGUEL PRADO**

A aposta portuguesa no hidrogénio verde pode vir a contar com uma mãozinha do mercado de capitais norte-americano. A empresa **Fusion Fuel**, de Sintra, está em processo de fusão com a **HL Acquisitions**, uma sociedade norte-americana cotada no índice **Nasdaq**, que irá injetar 55 milhões de dólares (cerca de 6,48 milhões ao câmbio atual) na empresa portuguesa para viabilizar os seus primeiros investimentos na produção de hidrogénio verde, a partir de uma tecnologia portuguesa de energia solar de elevada concentração.

João Wahnou, um dos sócios fundadores da **Fusion Fuel**, revelou ao Expresso que na próxima semana a empresa e a **HL** irão entregar os documentos da fusão ao supervisor norte-americano do mercado de capitais, a **SEC** (**Security and Exchange Commission**, congénere da portuguesa **Comissão do Mer-**

cado de Valores Mobiliários), estando prevista a conclusão da operação para setembro.

A aliança com os investidores norte-americanos começou a ser desenhada em março. "A **HL** constituiu há dois anos uma **SPAC** (*special purpose acquisition company*, veículo de

A Fusion Fuel admite investir em Sines €452 milhões num projeto industrial em cinco etapas

investimento destinado a adquirir empresas), que convenceu vários investidores a investir, e a ideia inicial era fazê-lo em gás natural liquefeito, mas o gás de xisto caiu e a **HL** pediu aos investidores para fazerem a conversão do objeto da empresa para o hidrogénio verde", contextualiza João Wahnou.

Na empresa portuguesa juntam-se antigos quadros da

Somague, como João e Pedro Falcão e Cunha (também com experiência na energia solar), e da área financeira (caso de Frederico Chaves). Já a **HL** é liderada por Jeffrey Schwarz, gestor de ativos que fundou em 1992 o fundo **Metropolitan Capital Advisors**. É coadjuvado por Rune Lundetrae (com passagens pelos setores financeiro e petrolífero) e Ajay Khandelwal (da área petrolífera).

O primeiro contacto entre a **HL** e a **Fusion Fuel** aconteceu em dezembro, depois de um contacto dos sócios da **Fusion Fuel** na **Long Island University** (**Nova Iorque**) ter feito a ponte com a **HL**. Em março, a empresa norte-americana propôs uma fusão, cujo desenho ficou fechado em junho, prevenido a integração da **Fusion Fuel** numa nova *holding*, que será detida em 23,2% pelos sócios portugueses, em 13,6% pelos fundadores da **HL** e em 63,2% pelos investidores da **SPAC**.

Os 55 milhões de dólares já assegurados para o projeto da

Fusion Fuel permitirão à empresa portuguesa avançar com um dos primeiros investimentos industriais de hidrogénio verde em Portugal. A empresa começará por um projeto de demonstração em Évora com 55 equipamentos de produção de hidrogénio, dos quais 40 produzirão hidrogénio para misturar na rede de gás natural da região de Évora e 15 serão usados para testar a armazenagem deste combustível verde.

Posteriormente, a **Fusion Fuel** quer desenvolver um empreendimento de larga escala em Sines, em cinco fases. Na primeira etapa, com um investimento de €23 milhões e a instalação de um milhar de eletrolisadores, a empresa espera produzir anualmente cerca de mil toneladas de hidrogénio verde, que poderão gerar um **EBITDA** (resultado antes de juros, impostos, depreciações e amortizações) de €3 milhões por ano. Na segunda fase, a **Fusion Fuel** terá mais 3 mil toneladas e ganhos adicionais

de €8 milhões por ano. E em cada uma das fases seguintes a empresa pretende ampliar a escala. Globalmente, se todas as fases do projeto se concretizarem, a empresa portuguesa admite que o investimento chegará a €452 milhões. E, se isso se confirmar, a capacidade total de produção ascenderá a 27 mil toneladas por ano.

A empresa acredita que conseguirá alcançar, a prazo, um preço de venda competitivo. Começará em 2021 em €3,45 por quilo na primeira fase de Sines (que é mais do dobro do custo do hidrogénio obtido a partir de combustíveis fósseis), mas poderá chegar a 2025 com um preço de €1,9 por quilo.

O plano de negócios não contempla apenas Portugal. "A estratégia da **Fusion Fuel** passa pela internacionalização. Estamos a trabalhar para criar uma unidade em Marrocos e queremos fazer uma **Fusion Fuel** nos **EUA**, que é um dos países que mais apostam em novas tecnologias", explica João Wahnou.

A empresa pretende posicionar-se não apenas como produtora de hidrogénio verde mas também como fornecedora dos equipamentos de produção para terceiros, aproveitando uma tecnologia de produção de energia solar de elevada concentração que começou a ser desenvolvida há vários anos em Portugal e que é distinta dos hoje massificados painéis fotovoltaicos. O interesse que o hidrogénio verde está a gerar pelo mundo fora poderá ser a oportunidade de ouro para criar um mercado abrangente para as soluções solares de concentração.

O plano de negócios desenvolvido pela **Fusion Fuel** e pela **HL Acquisitions**, no âmbito da sua fusão, prevê que a empresa portuguesa tenha um resultado líquido positivo de €1,2 milhões já em 2021, que irá crescendo, chegando a um lucro de €62 milhões em 2025. Será isto demasiado otimismo? Só o tempo o dirá.

mprado@expresso.impresa.pt



João Wahnou e Frederico Chaves são dois dos sócios da **Fusion Fuel**
FOTO: MUNDO BOTELEIRO

Subsídios ao H2 serão 10% do custo das renováveis

Incorporar no gás natural 10% de hidrogénio deverá custar €120 milhões por ano, a suportar pelo Fundo Ambiental

A produção de hidrogénio verde está ainda longe da maturidade tecnológica e apresenta um custo superior ao do gás natural, mas o secretário de Estado da Energia, João Galamba, garante que a estratégia para incentivar a produção de hidrogénio (**H2**) não irá onerar os consumidores, uma vez que o sobrecusto da sua incorporação no gás natural será suportada pelo **Fundo Ambiental**.

Esta semana, num *webinar* da **Ordem dos Engenheiros** (**OE**), o secretário de Estado da Energia revelou mesmo as primeiras projeções do Governo para o custo da subsidiação

do hidrogénio verde, indicando que cada ponto percentual de incorporação de **H2** na rede de gás natural custará até €12 milhões. Assim, a eventual incorporação de 10% de hidrogénio poderá representar anualmente um encargo adicional da ordem de €120 milhões.

Esta fatura representa sensivelmente um décimo do sobrecusto anual da produção em regime especial (**PRE**) no sector elétrico, que resultou da estratégia de garantir a esses produtores receitas fixas para viabilizar o investimento. A **Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos** (**ERSE**) estimou que no corrente ano de 2020 a **PRE**, que agrega sobretudo produção eólica e centrais de cogeração, terá uma faturação total de €2,2 mil milhões, dos quais €1,03 mil milhões são sobrecusto face ao preço de mercado da eletricidade. Em 2019, a **PRE** teve um sobrecusto de €1,07 mil milhões e em 2018 de €1,16 mil milhões.

Na iniciativa da **OE**, João Galamba revelou que ainda este mês o Governo aprovará a versão final da Estratégia para o Hidrogénio, revendo o documento inicial na sequência dos contributos recebidos durante a respetiva consulta pública. E prometeu que o hidrogénio não terá o mesmo impacto que a aposta nas renováveis (sobretudo as eólicas) teve nos custos do sistema elétrico. "Aprendemos com os erros do passado. O modelo do passado, em que eram os consumidores a pagar o custo destes investimentos, não é o ideal. Não queremos que o consumidor de energia esteja contra nós", referiu.

"Prendemos apoiar a produção de hidrogénio numa fase inicial, para quem hoje crê que o gás natural continue a pagar o mesmo. O sobrecusto será integralmente assumido pelo **Fundo Ambiental**", explicou o secretário de Estado da Energia. "Não entrámos em loucuras, fizemos bem as con-

tas", assegurou o governante.

A necessidade de subsidiação do hidrogénio acontece porque o custo estimado de produção de cada quilo de **H2** verde é ainda bastante superior ao do hidrogénio convencional (produzido a partir de combustíveis fósseis e não da eletrólise da água com eletricidade renovável). A estratégia europeia para o **H2** assume que a

"Se a tecnologia fosse madura comprava-se na Amazon. É por não ser que é uma oportunidade", diz João Galamba

produção convencional custa €1,5 por quilo, enquanto o hidrogénio verde custará €2,5 a €5,5. Segundo Galamba, o Governo trabalha com uma projeção de preço médio do **H2** de €3,5 por quilo, sendo de admi-

tir que o sobrecusto inicial face ao gás natural baixe ao longo dos anos, com as economias de escala e o aumento do custo dos combustíveis e do **CO2**.

Na semana passada, um manifesto assinado por 45 personalidades (entre eles Luís Mira Amaral, Abel Mateus, Henrique Gomes, Henrique Neto e José Ribeiro e Castro) veio criticar a aposta do Governo no hidrogénio, qualificando-a como uma "aventura" em que o país não pode embarcar. "Não tem racionalidade económica investir na produção de hidrogénio a partir da eletrólise da água alimentada por renováveis intermitentes pelo menos nos próximos dez anos", aponta o manifesto. João Galamba diz ter recebido as críticas com "total perplexidade". "Se a tecnologia estivesse madura comprava-se na Amazon. É exatamente por não estar madura que é uma oportunidade para as empresas portuguesas", comentou.